

“ONDE ESTÃO AS CORES DA ESCOLA?”: PROBLEMATIZANDO A IDENTIDADE VISUAL DAS ESCOLAS PARANAENSES

Renata Izidoro (UEM)

Daniel Macedo Lanes (UEM)

Zuleika de Paula Bueno (UEM)

Vinícius Stein (UEM)

Rafael da Silva - Orientador (UEM)

ra132427@uem.br

Resumo:

O presente texto discorre sobre a experiência dos integrantes do projeto de extensão "Construindo a Cidadania com Adolescentes e Jovens do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Sarandi e Paçandu-PR". O objetivo geral é apresentar uma problematização sobre a identidade visual dessas instituições, com base na experiência vivenciada nesses espaços por meio da extensão universitária. Metodologicamente, o projeto é amparado em princípios do ensino de arte e sociologia (Barbosa, 2010; Tomazi, 2013) e busca viabilizar a discussão de temas como "Política", "Democracia", "Desigualdades" e "Direitos Humanos", a fim de promover a educação cidadã. Os resultados apontam que a experiência extensionista oportuniza aos estudantes do Ensino Médio debater de modo crítico a valorização da cidadania, assim como pretende oferecer práticas artísticas nas quais os estudantes possam criar projetos de intervenção para colorir os espaços da escola. Ademais, destacam-se, ainda, as contribuições para a formação docente dos membros do projeto.

Palavras-chave: Cor; Identidade Visual; Ensino Médio; Extensão.

1. Introdução

Apresentamos um relato da experiência vivenciada no projeto de extensão "Construindo a Cidadania com Adolescentes e Jovens do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Sarandi e Paçandu-PR". Institucionalmente, o projeto é vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Participação Política (NUPPOL-UEM), do Departamento de Ciências Sociais (DCS-UEM), à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC-UEM), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), possui financiamento do Fundo Paraná, através do edital Universidade Sem Fronteiras, e mantém parceria com o Núcleo

Regional de Educação de Maringá (NRE) e o INCT Participa – Transformações da Participação, do Associativismo e do confronto político.

A iniciativa extensionista que desenvolvemos é articulada de modo interdisciplinar por uma equipe de dez integrantes, composta por egressos, discentes e professores supervisores de três cursos de graduação da UEM: Artes Visuais, Ciências Sociais e Direito. As atividades mobilizadas buscam trabalhar temas relacionados à cidadania com estudantes do Ensino Médio de oito escolas do NRE, quatro no município de Paiçandu e quatro em Sarandi.

O objetivo principal do texto é apresentar uma problematização sobre a identidade visual das escolas paranaenses a partir da experiência vivenciada nesses espaços por meio da extensão universitária. Destacamos que as ações relatadas são referentes à segunda edição do projeto, que, na primeira edição, foi intitulado “Construindo a Cidadania com Adolescentes e Jovens do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Maringá-PR”, contemplando mais de 2.500 alunos e alunas da rede pública paranaense, distribuídos em oito escolas do município.

2. Metodologia

As visitas nas oito escolas atendidas pelo projeto acontecem mensalmente às terças e quintas-feiras, no período da manhã, para turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Cada encontro realizado utiliza o mesmo tempo de uma aula (cinquenta minutos). Nesse sentido, nos empenhamos em oferecer discussões relacionadas à cidadania e suas reverberações em temáticas sociais, de modo que as abordagens propostas sejam mais estimulantes e oportunize aos estudantes possibilidades de maior engajamento em um contexto diferente do qual estão habituados em suas rotinas escolares. Para tanto, nossas atividades ocorrem em três etapas integradas.

Na primeira delas, apresentamos a temática que será discutida a partir de materiais artísticos, tais como autores e obras da literatura brasileira, vídeos, músicas, imagens ou filmes. Nesse momento, priorizamos que a turma seja provocada sobre o assunto a ser tratado, com o intuito de estimular seu interesse pelas demais etapas. Na segunda parte, ocorre uma exposição teórica com conceitos, definições e autores que nos auxiliam na mobilização dos temas abordados. Por fim, no terceiro momento, prezamos pela participação efetiva dos alunos e alunas no que denominamos

“dinâmicas de encerramento”, propostas que envolvem e movimentam toda a turma, como a realização de desafios e jogos referentes aos assuntos debatidos. Nesta segunda edição, o projeto terá vigência até dezembro de 2025, período em que, além dos temas que já foram abordados – Política, Democracia, Desigualdades e Direitos Humanos – também trataremos sobre Diversidade e Gênero e Ensino Superior.

3. Onde estão as cores da escola?

Um dos acontecimentos que mais nos chamou atenção durante as visitas nas escolas certamente foi a falta de cor nas paredes, tanto internas quanto externas, ou, no caso, o uso demasiado das cores cinza e branco. Por notar que essa realidade se repetia em mais de um local, não houve como não nos questionarmos sobre “onde estão as cores da escola?”.

Verificamos a existência de um Manual de identidade visual para colégios (2024, p. 14), o qual determina: “cores vibrantes e intensas devem ser usadas em menor escala, dando destaque para a sinalização”, “muros devem ser pintados na tonalidade cinza Elefante” e “colégios que possuam pastilhas e outros elementos coloridos devem priorizar o uso das tonalidades de cinza na pintura”.

Nesse sentido, problematizamos relações de pertencimento. No âmbito do ensino de arte e sociologia (Barbosa, 2010; Tomazi, 2013), observamos que uma série de questionamentos podem ser feitos acerca dos impactos de uma ação como essa, tais como: é possível que os alunos e alunas se sintam pertencentes e representados num espaço em que proíbe intervenções? Como a escola pode proporcionar relações de socialização diante de uma realidade que limita expressões relacionadas à visualidade? Como devem ocorrer atividades de práticas artísticas previstas nos próprios documentos curriculares, como o muralismo, por exemplo?

Diante desses questionamentos, concordamos com Kowaltowski (2011) ao argumentar que o desempenho dos estudantes é influenciado pelo espaço físico que habitam. Portanto, consideramos que a intenção de padronizar a visualidade dos colégios, conforme orienta o Manual de identidade visual para colégios (2024), ameaça os valores simbólicos e os vínculos de pertencimento constituídos e mantidos nesses espaços, os quais consideramos indispensáveis aos processos de ensino e aprendizagem.

4. Considerações Finais

O contato possibilitado pela extensão universitária com a realidade do Ensino Médio das escolas públicas do Paraná, sobretudo após a reforma educacional ocorrida em 2017, nos desafia a pensar modos de agir diante dos obstáculos da prática pedagógica. Diante das vivências experienciadas no projeto de Extensão “Construindo a Cidadania com Adolescentes e Jovens do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Sarandi e Paçandu-PR”, apresentadas no presente resumo, cabe mencionar que pretendemos oferecer oficinas de práticas artísticas nas quais os estudantes possam criar projetos de intervenção para colorir os espaços da escola.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

PARANÁ. **Manual de identidade visual para colégios**, 2024. Disponível em: https://www.fundepar.pr.gov.br/sites/fundepar/arquivos_restritos/files/documento/2024-03/powerpoint_manual_pintura_padrao_colegios_estaduais.pdf. Acesso em: 17 de ago. 2025.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Ensino de sociologia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2013.